

LAÇO SOCIAL
E TECNOLOGIA
EM TEMPOS
EXTREMOS
IMAGINÁRIO, REDES E PANDEMIA

Conselho Editorial

Alex Primo – UFRGS
Álvaro Nunes Larangeira – UTP
André Parente – UFRJ
Carla Rodrigues – PUC-RJ
Cíntia Sanmartin Fernandes – UERJ
Ciro Marcondes Filho – USP
Cristiane Freitas Gutfreind – PUCRS
Erick Felinto – UERJ
Francisco Rüdiger – PUCRS
Giovana Scareli – UFSJ
Jaqueline Moll - UFRGS
João Freire Filho – UFRJ
Juremir Machado da Silva – PUCRS
Marcelo Rubin de Lima – UFRGS
Maria Immacolata Vassallo de Lopes – USP
Maura Penna – UFPB
Micael Herschmann – UFRJ
Michel Maffesoli – Paris V
Muniz Sodré – UFRJ
Philippe Joron – Montpellier III
Pierre le Quéau – Grenoble
Renato Janine Ribeiro – USP
Rose de Melo Rocha – ESPM
Sara Viola Rodrigues – UFRGS
Simone Mainieri Paulon – UFRGS
Vicente Molina Neto – UFRGS

LAÇO SOCIAL
E TECNOLOGIA
EM TEMPOS
EXTREMOS
IMAGINÁRIO, REDES E PANDEMIA

ORGS.
CRISTIANE FREITAS GUTFREIND
JUREMIR MACHADO DA SILVA
PHILIPPE JORON



Editora Sulina

Copyright © Autores. 2020

Capa: Humberto Nunes

Projeto gráfico e editoração: Niura Fernanda Souza

Revisão e tradução: Simone Ceré

Editor: Luis Antônio Paim Gomes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Bibliotecária Responsável: Denise Mari de Andrade Souza – CRB 10/960

L142

Laço social e tecnologia em tempos extremos: imaginário, redes e pandemia / organizado por Cristiane Freitas Gutfreind, Juremir Machado da Silva e Philippe Joron. – Porto Alegre: Sulina, 2020.
231 p.; 16x23 cm.

ISBN: 978-65-5759-017-1

1. Redes Sociais – Pandemia. 2. Imaginário – Redes Sociais. 3. Comunicação e Tecnologia. 4. Comunicação – Aspectos Sociais. 5. Meios de Comunicação. 6. Laço Social – Tecnologia. 7. Jornalismo. 8. Pandemia – Laço Social. I. Gutfreind, Cristiane Freitas. II. Silva, Juremir Machado. III. Joron, Philippe.

CDU: 004.77

070

CDD: 301.243

Todos os direitos desta edição são reservados para:
EDITORA MERIDIONAL LTDA.

Rua Leopoldo Bier, 644, 4º andar – Santana

Cep: 90620-100 – Porto Alegre/RS

Fone: (0xx51) 3110.9801

www.editorasulina.com.br

e-mail: sulina@editorasulina.com.br

Novembro/2020

IMPRESSO NO BRASIL/PRINTED IN BRAZIL

Sumário

Prefácio de Michel Maffesoli	7
Apresentação	11

I Laço social

Sós todos juntos: pele digital e fissuras digitais	17
<i>Philippe Joron</i>	

Ligações afetivas e emoções compartilhadas: a comunidade emocional conectada	31
<i>Fabio La Rocca</i>	

O ambiente digital	53
<i>Vincenzo Susca</i>	

O animal midiaticizado pelas imagens e o paradoxo da empatia	65
<i>Marianne Celka</i>	

Repetição, alteridade radical e realidade desativada: a diplopia das imagens dos eventos-catástrofe	79
<i>Bertrand Vidal</i>	

II Tecnologias e narrativas comunicacionais

Telejornalismo e pandemia: as narrativas emergentes em tempos extremos	97
<i>Christina Ferraz Musse e Mariana Ferraz Musse</i>	

A era dos tempos extremos: o ignorancialismo como categoria de análise para a explicação da hipnose regressista em curso	115
---	------------

Álvaro Nunes Laranjeira e Tarcis Prado Júnior

O limite da tecnologia não tão pessoal para uma geração: uma reflexão sobre as transformações impostas ao público 60+ durante o período de pandemia de 2020	129
--	------------

Eduardo Campos Pellanda e Melissa Streck

Cinema, ciência e tecnologia: encontros, interseções e experimentos	143
--	------------

João Guilherme Barone Reis Silva e Roberto Tietzmann

Além do deep fake e da empatia: observações sobre limites do uso jornalístico da realidade virtual.....	159
--	------------

André Fagundes Pase e Giovanni Guizzo da Rocha

III Imagens e imaginários

Mídia e imaginário em tempos extremos	183
--	------------

Juremir Machado da Silva

Jovens, gerações e tecnologias de comunicação: transformações da rede sociotécnica em tempos extremos.....	193
---	------------

Máгда Rodrigues da Cunha e Tiago Luís Rigo

O populismo e suas tecnologias	219
---	------------

Marco Roxo e Karina Santos

Prefácio

É na galáxia do imaginário que desenvolvemos a convivência

Michel Maffesoli

Faz mais de 40 anos que vim pela primeira vez ao Brasil, onde conheci, em Recife, Daniele Rocha-Pitta, ela mesma ex-aluna do meu professor Gilbert Durand. Isso indica a importância do tema do imaginário desde os meus primeiros contatos com este país que considero a minha segunda pátria. Sou chamado de sociólogo e, de fato, tive a honra e a boa sorte, após meu doutorado de Estado, de manter a cátedra Durkheim na Sorbonne por mais de 30 anos. Certamente não sou mais um sociólogo no sentido redutor e reduzido em que essa disciplina “quantofrênica” e “científica” se tornou amplamente.

Mas acho que depois dos meus mestres (Julien Freund, Gilbert Durand, Jean Duvignaud), na continuação dos fundadores da sociologia, Emile Durkheim e Auguste Comte, que tanto marcaram o Brasil, me interessei pelo que faz o coração pulsante da sociologia: o laço social. Ou, como prefiro dizer, a cola social, o *glutinum mundi*. Não se limitar a estudar, num racionalismo contábil frio, as determinações de vários comportamentos individuais, uma veia que a economia clássica explorou demais, mas refletir sobre a própria essência do estar-junto, o que chamo de sociabilidade.

Esse estar-junto assume várias formas de acordo com os tempos. É certo que durante a modernidade se desenvolveu na forma racionalista do “contrato social”. Indivíduos determinados por seu status socioeco-

nômico estão sujeitos a um conjunto de leis e regulamentos que os representantes que eles próprios se deram impõem a eles. O vínculo social é então econômico e legal. Muito diferente é o *étos* contemporâneo. O que me liga ao outro é a experiência comum, o sentimento de união, as emoções comuns. Porque, ao contrário de um indivíduo, UM com uma identidade única e estável, a pessoa (no sentido de “persona”, a máscara teatral) tem múltiplas identificações de acordo com as “tribos” às quais está agregada segundo as ocorrências de sua vida.

É assim que o imaginário está na base do ser pós-moderno. Explorei esse tema extensivamente em um de meus primeiros livros, *O tempo das tribos*, que foi lançado no Brasil em 1987, antes mesmo de sua publicação em francês, graças à tradução do meu amigo Luis Felipe Baeta Neves. Foi nessa época que disse, e ainda acredito, que o Brasil era o “laboratório da pós-modernidade”. O imaginário é o conjunto de crenças, representações, fantasmagorias, criações culturais e cotidianas que permitem expressar, dar forma a esse sentimento comum. *Nihil in intellectu quod non sit prius in sensu*, disse São Tomás de Aquino.

Claro que na modernidade procuramos apagar o papel desse imaginário, colocá-lo de lado como uma bagagem inútil que atrapalhava a marcha desse amante do Progresso que foi o homem moderno. Mas o sociólogo visionário que foi Max Weber entendeu a importância do que chamou de “o irreal”. Ele exigia que o sociólogo estivesse no auge do Irreal para compreender plenamente o Real. Costumava dizer que o Real é a realidade (material, orgânico) enriquecida com o Irreal (sonhos, utopias, fantasmagoria, imagens, enfim, precisamente o imaginário, ou, melhor ainda, o imaginal). Porque o que é surpreendente na pós-modernidade é, obviamente, o retorno da imagem onipresente. Considerando que a modernidade foi iconoclasta, pensemos no Judaísmo e no Islã e sua proibição de representar o sagrado, pensemos mais tarde no Protestantismo e sua rejeição dos cultos de santos e relíquias, de tudo o que contém precisamente as forças invisíveis. Pensemos também nos partidários do culto à Razão, nos revolucionários e na pilhagem de obras e lugares sagrados.

Ao contrário, nossa era pós-moderna é caracterizada por uma abundância de imagens concomitantes, aliás, pelo retorno de um verdadeiro politeísmo. Politeísmo de valores, no sentido de Max Weber, politeísmo relacionista, politeísmo epistemológico. Essa é a criatividade da imaginação. Um reencantamento do mundo energizado pela tecnologia e meios digitais de comunicação. Talvez seja por isso, ao usar o título de um livro de Juremir Machado da Silva, *Brasil, país do presente* (1999), que este país experimente, com exuberância, as forças vivas do imaginário. E isso com sua religiosidade sincretística, a abundância e vitalidade dos cultos afro-brasileiros (que meu amigo Muniz Sodré tão bem conhece), a diversidade de experiências sensíveis, música, dança, futebol, etc. Para mim, uma das manifestações do imaginário pós-moderno é o que chamo de “corporeidade mística”!

É nesse sentido que os estudos da imaginação são fundamentais para a compreensão do nosso tempo. Não apenas fundamentais porque são importantes. Mas fundamentais porque se a modernidade foi dominada e determinada pela economia, a sociabilidade pós-moderna é fundada (no sentido de um fundamento) em uma imaginação compartilhada. Isso é bem expresso, cada um à sua maneira, pelos textos que compõem este livro. Não é mais apenas o conteúdo das crenças, sonhos, imagens que importa, mas o fato de serem compartilhados. Que eles estão incorporados em uma vida diária comum. Isso se concretiza não em um vínculo social fundado em um racionalismo contábil frio, mas em um ser todo fundado em uma razão sensível, eu diria mesmo uma razão carnal.

Professor Emérito da Sorbonne
Diretor do Centro de Pesquisa do Imaginário (M.S.H.)